



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**JOSÉ NILTON RODRIGUES DE FREITAS SOBRINHO**

**MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA: UM BREVE RELATO  
SOBRE JOÃO ROBERTO BORGES DE SOUZA**

**GUARABIRA  
2019**

**JOSÉ NILTON RODRIGUES DE FREITAS SOBRINHO**

**MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA: UM BREVE RELATO  
SOBRE JOÃO ROBERTO BORGES DE SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História do Centro de Humanas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Pós Dr<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F862m Freitas Sobrinho, José Nilton Rodrigues de.

Memórias da ditadura militar na Paraíba [manuscrito] : um breve relato sobre João Roberto Borges de Souza / Jose Nilton Rodrigues de Freitas Sobrinho. - 2019.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Susel Oliveira da Rosa ,  
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Ditadura militar. 2. Movimento estudantil. 3. Paraíba. 4.  
João Roberto Borges de Souza. I. Título

21. ed. CDD 981.33

**JOSÉ NILTON RODRIGUES DE FREITAS SOBRINHO**

**MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA: UM BREVE RELATO  
SOBRE JOÃO ROBERTO BOGES DE SOUZA**

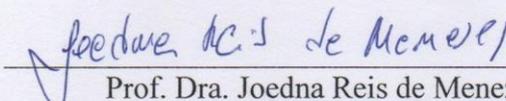
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História do Centro de Humanas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: 19/06/2019.

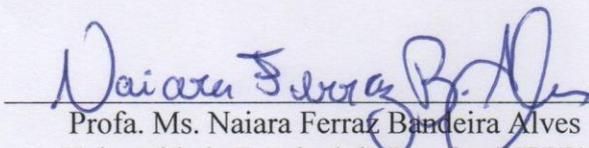
**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Pós Dr. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Joedna Reis de Menezes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu irmão Geandson, quem tem me dado  
força indiretamente, meus pais e minha irmã,  
por quem eu batalho para ser melhor todos os  
dias, DEDICO.

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”

(LE GOFF)

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Entre a memória e a história.....	9
3. Sobre a ditadura e o movimento estudantil na Paraíba.....	13
4. João Roberto Borges de Souza.....	17
5. Considerações finais.....	20
6. Referências.....	21

## **MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA: UM BREVE RELATO SOBRE JOÃO ROBERTO BORGES DE SOUZA**

SOBRINHO, José Nilton Rodrigues de Freitas<sup>1</sup>

### **RESUMO**

No presente artigo, me proponho a refletir brevemente sobre o funcionamento da memória, especialmente no que diz respeito as memórias da ditadura militar no Brasil (1964-1985) e na Paraíba. Para tal, retomo a trajetória de resistência de João Roberto Borges de Souza. Estudante de medicina da UFPB, João Roberto participou do movimento estudantil, lutou pelas liberdades democráticas, foi preso, torturado e, possivelmente, assassinado pela repressão.

Palavras-chave: ditadura-militar, Paraíba, movimento estudantil, João Roberto Borges de Souza

## **MEMORIES OF THE MILITARY DICTATORSHIP IN PARAÍBA: A BRIEF REPORT ON JOÃO ROBERTO BORGES DE SOUZA**

SOBRINHO, José Nilton Rodrigues de Freitas

### **ABSTRACT**

In this article, I propose to briefly reflect on the functioning of memory, especially with regard to the memories of the military dictatorship in Brazil (1964-1985) and Paraíba. For that, I return to João Roberto Borges de Souza's trajectory of resistance. A medical student at the UFPB, João Roberto participated in the student movement, fought for democratic freedoms, was arrested, tortured and possibly murdered by repression.

Keywords: military dictatorship, Paraíba, student movement, João Roberto Borges de Souza

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: [j.niltonfreitas@gmail.com](mailto:j.niltonfreitas@gmail.com)

## **1. Introdução**

Este é um trabalho sobre memórias; memórias de um tempo cruel, difícil; onde a voz, o direito, a liberdade de expressão era reprimida e todos atos, manifestações desse tipo era visto como ações fora da lei pelo governo. O período ditatorial na Paraíba teve início bem antes do golpe militar ter sido concretizado no fim de março de 1964 e, este período da nossa história foi marcado por sangue, morte, tortura, resistência, lutas das ligas camponesas, movimentos estudantis e em meio a todos estes fatos, na contemporaneidade precisamos lembrar desta memória, deste povo, destas lutas para entendermos o quão maléfica foi a ditadura militar em nosso país/estado e sua negação agrava fortemente esta memória e afeta fortemente nosso presente trazendo reflexos para nosso futuro. Podemos caracterizar esta negação como esquecimento ou tentativa de contar uma história irreal, atitude que causa danos sociais históricos.

João Roberto Borges de Souza, paraibano, nascido na cidade de Cabedelo-PB, foi estudante do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba, militante, perseguido e preso político durante a ditadura no estado da Paraíba. Sua atuação como líder dos movimentos estudantis e sua popularidade entre os estudantes surgiu devido aos congressos que ele havia participado e sua forte atuação dentro do movimento. Essa foi a posição de João Roberto, um líder do movimento estudantil lutando em busca de melhorias para a classe, como também combatendo o regime ditador que o governo estava exercendo sobre a sociedade, neste caso, em nosso estado.

Em consequência de sua persistência e luta dentro dos DCEs<sup>2</sup>, João Roberto Borges de Sousa morreu, (consequentemente) vítima das ações repressoras do governo, as quais violam os direitos humanos, os quais a ditadura militar corrompe. Contudo, vemos que a luta pela educação, em favor dela, as reivindicações feitas em prol dos estudantes, perpassam o tempo e, hoje em nossa atualidade, vivemos situações semelhantes as já acontecidas em nossa história. É necessário lutarmos e defender o que é nosso.

## **2. Entre a memória e a história**

---

<sup>2</sup> Diretório Central dos Estudantes – Possibilita a participação dos estudantes dentro da política como representação da classe.

Antes de falarmos sobre ditadura, precisamos falar sobre memória, mesmo que esta não seja tão simples de trabalhar devido sua subjetividade e, quando se trata de memória e resistência é ainda mais difícil, pois trata-se de pessoas, pensamentos e a forma como esta memória de resistência é elaborada/formada. O esquecimento de uma memória ou silenciamento da mesma pode ter várias causas; desde a tentativa de esquecer algo tão maléfico e doloroso a ponto de querer fazer com que ele não exista mais, seria uma maneira de autodefesa do indivíduo e o esquecimento é uma maneira de negar, fazer vista grossa sobre determinado fato. A medida que a memória é lembrada, ela se torna resistência viva, uma forma de ressignificação na perspectiva de que tal memória não se repita.

A memória histórica é fundamental na construção e formação de um pensamento social histórico, que resulta na humanização do sujeito de acordo com conceitos e questões da sociedade na qual ele está inserido. História e memória caminham juntas através do tempo, são fundamentais para o entendimento da sociedade e, quando tratamos de memória vemos a influência que ela tem em determinados grupos, bem como na maneira que este preserva sua história, podemos usar como exemplo a religiosidade indígena, as crenças africanas e outras culturas existentes no mundo que preservam sua memória de maneira ativa.

Levemos em consideração que memória é o apanhado de vivências de um ou mais sujeito e de seu grupo social, haja vista que, ela não é homogênea; apresenta-se de maneira coletiva quando se trata de vivências de um determinado grupo onde suas memórias são semelhantes.

Em seu conceito morfológico, memória é a capacidade de armazenar fatos, lembranças, conservar e adquirir ideias, é qualquer tipo fragmentado de determinado(s) acontecimento(s) e quando transmitidas oralmente formam e constroem documentos históricos. Le Goff (1990) trata a memória como complemento da história dos povos, isto é, a memória é um dos objetos da História. Por ser uma das fontes de conhecimento e produção histórica, torna-se imprecisa por muitas das vezes pelo fato de estar associada ao momento no qual esta memória foi criada (social, cultural, econômico), pois, a partir disso pode-se criar memórias distintas. Como já mencionado, a memória é objeto da História, objeto de construção, resistência, resgate. Ela se encontra presente em tudo!

O homem enquanto sujeito histórico é feito de memórias em suas mais variadas culturas e etnias; ela está presente na sua história e esta existência cria expectativa na perspectiva de lembrar, recuperar, resgatar momentos, entretanto, existe um componente que anula a memória, este, pode-se dizer que é o principal causador da reprodução do passado no presente; o esquecimento. Este é construído talvez pela mídia ou até mesmo outros meios

que por sua vez fazem com que determinada memória seja encoberta/esquecida, ferindo a história. Podemos tomar como exemplo o cenário atual do Brasil, a crise política que acomete o país nos últimos anos; a ânsia do brasileiro em querer que esta situação seja resolvida o faz pensar e querer que medidas adotadas no passado sirvam para atualidade, como percebemos cada vez mais a emergência do desejo pela volta do regime ditatorial militar, ou seja, o esquecimento, enfraquecimento da memória do que foi este regime, o que ele causou, as consequências que refletem em muitos casos até hoje, levam a um desejo de restauração de paz política em meio ao caos que vivemos atualmente. Por isso que tratar de memórias é delicado e requer de nós coragem.

Quando falamos de memória, em muitos casos nos deparamos com fatores que comprometem a estrutura da mesma, como por exemplo o esquecimento; este leva o indivíduo a ignorância, a indiferença ao outro, isto quando esquecimento é tido como atentado a história. Em outros campos do saber, como na área jurídica, encontramos o esquecimento como componente cabível dentro de suas diretrizes jurídicas, não obstante, para a história o esquecimento é prejudicial quando fere a existência histórica de um povo, de um grupo, de um tempo.

Para este trabalho, trago dois dos vários conceitos de esquecimento da memória onde é cabível ressaltar, que seria o esquecimento de reserva e o esquecimento feliz, e quem nos explica perfeitamente estes conceitos é a filósofa e linguista Jeanne Marie Gagnebin à luz do pensamento de Paul Ricouer “esquecimento de reserva, isto é, um manancial de lembranças não conscientes.” (Gagnebin, 2010,p. 179); isto é, inconsciente, o sujeito dono da memória não restringe sua consciência e isto torna a memória de reserva um precioso fator aliado na construção histórica; e o esquecimento feliz é “uma alegria e uma leveza que permitem fazer as pazes com o passado, geralmente depois de um longo, dolorido e generoso processo de elaboração, leveza e alegria” (Gagnebin, 2010, p.179), ou seja, é a forma como o sujeito vai elaborar a vida presente mesmo tendo plena consciência de que o passado o feriu, assim podendo viver em uma nova perspectiva de vida. Quando as dimensões do esquecimento ocorrem de maneira positiva, é possível perceber que não existe negação do passado e sim uma aproximação de forma diferente entre o indivíduo, seu passado, seu presente e a maneira como o mesmo dialoga com estas realidades tão distintas, possibilitando uma vida tranquila e sem ressentimento.

Honório Rodrigues em seu livro *Filosofia e História*, republicado em 1981 fala um pouco mais sobre essa dualidade da memória dialogando também com Proust, ele onde afirma que a memória é inconsistente.

[...] a memória é depósito de dados, naturalmente estática, pois configura um princípio de conservação, uma simples reprodução dos sucessos anteriores existentes na vida animal superior; a Tradição é o respeito à continuidade dos hábitos, costumes e ideias, é também estática e contém contra si muitos aspectos negativos, ao lado de alguns positivos; só a história é a análise crítica, dinâmica, dialética, julgadora do processo de mudanças e desenvolvimento da sociedade (RODRIGUES, 1981. p. 48).

Voltando um pouco ao ponto da prejudicialidade do esquecimento, nos deparamos com realidades não agradáveis onde a história é obrigada a ser esquecida, sobretudo no âmbito político, onde historicamente é comum notarmos a repressão histórica através da memória, especialmente no período da ditadura militar, que seria o enfoque principal deste trabalho. Quando se trata de repressão da(s) memória(s), seu esquecimento se torna mais doloroso e difícil para vítima, pois, esta opressão em esquecer tal memória se torna a maneira obrigatória e traumática de lembra-la. Para Ricouer(2008) impor o esquecimento de uma lembrança é uma maneira de impedi-la, negá-la, e isto se opõe totalmente as dimensões positivas do esquecimento. O fato de reprimir esta memória a torna mais resistente devido estar reprimida e ao mesmo tempo fará o que puder para reaparecer.

Levando em consideração a memória e suas ramificações e, abordando especialmente o tema deste trabalho é importante ressaltar que a memória é um importante objeto de construção da história, como já foi mencionando; sobretudo onde existe a necessidade de pesquisa sobre a ditadura militar, algo que é sempre pertinente pesquisar. Nesse período da nossa história sabemos das várias atrocidades que ocorriam com várias pessoas e das maneiras mais cruéis possíveis, dentre estes poucos que conseguiram sobreviver podemos reconstruir esse tempo histórico através de suas memórias como seria o caso de pedagoga, escritora, professora e socióloga brasileira Flávia Schilling (Rosa, 2013) que passou parte de sua vida presa, onde foi torturada e sofreu vários tipos de violência e devido à forte repressão era privada de visitas e em poucos casos quando era liberada para visita a maneira que tinha de reproduzir o cenário desumano era através de cartas e enigmas que foram entendidos com estudos. Após sua libertação ele pode retratar com mais clareza o que se passava de fato dentro das prisões, a partir desse fato podemos compreender quão importante é a memória para produção histórica. Ela é a maneira de manter vivo um evento, ela se fixa e permanece viva de acordo com as emoções do sujeito, de modo que ela resgata, conserve, estimula e alimenta amores e ódios. A memória é um dos combustíveis que fazem a História; ela em si é

constituída de fatores emocionais e para cada uma dela um tipo de memória, há delas que permanecem escondidas em nosso subconsciente e que ressurgem como sensações de algo que já presenciamos e reconhecemos, muitas vezes ela aparece viva, em forma de sonho.

Nos últimos tempos, não tão distantes, percebemos que a memória recebe significados diferentes; ela tem sofrido ressignificações importantes, partindo de uma memória individual e, isso reflete na memória coletiva incapacitando os sujeitos a usarem a criticidade. Isto, percebemos atualmente com a ascensão do pensamento ditador, violento e preconceituoso de uma memória particular influenciando as demais e as impedindo de dialogarem com a memória histórica e coletiva, trazendo uma falsa verdade para o nosso meio.

### **3. Sobre a ditadura e o movimento estudantil na Paraíba**

Segundo Roney Rodrigues, redator da matéria “10 mitos sobre a ditadura militar no Brasil” da revista virtual *Guia do Estudante*, publicado originalmente no blog *História sem Fim*, a ditadura militar no Brasil durou cerca de 21 anos, vinte e um anos de sofrimento e repressão às minorias, onde a liberdade de expressão era contida, os direitos eram caçados e a vida ceifada. A ditadura aconteceu muito antes de o golpe ser consumado em 1964, todas as maquinações e planos para poder derrubar o presidente já vinham acontecendo anos antes de a efetivação do regime militar ditatorial. Quando o golpe foi concretizado, uma das primeiras ações do governo ditador foi metralhar e incendiar a UNE<sup>3</sup> (União Nacional dos Estudantes); na noite do dia 31 março para o dia 01 de abril de 1964. A partir disso percebemos que a educação teria problemas pela frente. No mesmo ano do fatídico golpe militar, o então presidente apresenta um decreto de lei, onde é chamado de Lei Suplicy Lacerda (Lei de Nº 4.464, de 09 de novembro de 1964). A lei Suplicy, reprimia o direito estudantil; a lei da mordaza estudantil, ou seja, a lei do fim da liberdade na universidade. Em reposta ao decreto de lei do governo, a UNE paralisa a USP, convocando uma grande greve geral dos estudantes em todo país, onde milhares de estudantes e militantes saíram as ruas com a bandeira da UNE erguida lutando pelos seus direitos e contra a ação ditadora do governo.

---

<sup>3</sup>Entidade máxima de representação estudantil nacional. A qual defende a educação e os direitos educacionais.



FONTE<sup>4</sup>: <https://www.laurocampos.org.br/2018/08/28/ditadura-nunca-mais/>

Em 1968 o movimento estudantil foi de grande importância, pois alterava o rumo político do país, era um grupo de mobilização e resistência à ditadura. O movimento possuía vários departamentos, como por exemplo os DCEs (Diretórios Centrais Estudantis) e as UEE<sup>5</sup> (União Estaduais de Ensino). As mobilizações dos departamentos estudantis reivindicavam/protestavam por ampliação das vagas nas universidades públicas, melhorias nas condições de ensino, contra a privatização, defendiam a liberdade democrática e a justiça social e lutava contra a influência americana, negando o acordo MEC-USAID<sup>6</sup> (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency For International Development) como a lei Suplicy de Lacerda de nº 4.464, de 9 de novembro de 1964, que tornava ilegal a legitimidade da UNE com a intenção de enfraquecer os movimentos estudantis e consequentemente desestruturar a formação política consciente, uma vez que as organizações estudantis formavam indiretamente com seus atos públicos. Em 1968, mais precisamente em janeiro, a juventude saía às ruas para reivindicar seus direitos de estudantes e também combater a

<sup>4</sup>Na foto vemos a grande mobilização estudantil, na qual marca um dos grandes acontecimentos históricos do nosso país: a passeata dos 100 mil, a qual aconteceu no dia 26 de junho de 1968 nas ruas do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup>Entidade responsável por realizar, atos regionais correspondendo demanda e a necessidade e de cada região para fortalecimento do movimento estudantil. Nela aconteciam congressos regionais onde eram eleitos seus representantes estaduais.

<sup>6</sup>Acordo no qual o EUA poderia intervir na educação do Brasil inserindo o modelo educacional norte americano. (LEITÃO, 2013)

opressão do regime. Graças a estes protestos, suas manifestações foram capazes de influenciar na conjuntura e no rumo político da época. Com a onda de mobilizações que se fazem presentes e constantes no cenário político da época opondo-se aquilo que o regime impunha; o clima ficou ainda mais tenso com a morte de um estudante: Edson Luís de Lima Santos; Edson foi morto em 1968 por policiais militares no Rio de Janeiro. O clima de tensão se agravou ainda mais, pois o jovem havia sido morto pela polícia durante um ato de protesto. O fato causou grande comoção popular, fato este que intensificou a onda de mobilizações que aconteciam no país contra o regime. Com o alastramento da trágica notícia da morte do estudante, uma onda de protestos foi desencadeada, ainda maior e mais sistematizada que as demais anteriores; as ruas foram tomadas por mais de 50 mil pessoas, dentre elas o movimento contou com o apoio de artistas, intelectuais, religiosos, sindicalistas e várias entidades estudantis de outros estados que solidarizaram com o movimento e o apoiaram, na ocasião o a UNE, decretou greve geral. Nesse período sombrio de nossa história ocorreu o que chamamos de anos de chumbo, período este que controlava veementemente a mídia e a educação, prisão, tortura, desaparecimento daqueles que se opunham ao regime opressor eram mais frequentes a acontecer.

Além das lutas que defendiam a educação, o estudantes também promoviam movimentos em favor de uma sociedade igualitária; espelhados no maior acontecimento da história, na França, estudantes e revolucionários lutavam por igualdade entre gêneros e combatiam o centralismo e o autoritarismo, foi está a primeira vez que se tratava do tema abertamente como uma bandeira de luta pela igualdade de direito do gêneros onde se especificava estas abordagens, assim se fez também em nosso estado, pois, segundo LEITÃO “a Paraíba assumiu uma posição de vanguarda na defesa da igualdade de tratamento entre homens e mulheres”(2013, p. 25 e 26).

Ele ainda afirma que nosso estado foi pioneiro nestas atitudes graças aos dirigentes do Grêmio estudantil Castro Alves, Severino Gomes e Marcos Paiva, estudantes do colégio estadual de João pessoa, seção Roger que funcionava no prédio onde situava-se o seminário arquidiocesano na parte de trás da Igreja São Francisco. Estes alunos decidiram, no início do mês de janeiro, encaminharem as autoridades competentes pedidos de reavaliação das leis que dividiam os alunos dos gênero masculino e feminino em salas diferentes; o pedido foi embasado no argumento de que está medida feria as diretrizes que almejava uma sociedade democrática A luta pela reforma estudantil foi pautada em melhorias nas condições de ensino e por mais vagas nas unidades educacionais, uma vez que o sistema de ensino burlava o

direito dos estudantes em geral de terem acesso ao ensino devido ao seu caráter elitista como também o sistema impedia que estes tivessem acesso a suas notas para identificarem quem obteve êxito nas provas, atingindo a nota mínima de corte para entregas e matrículas nas universidades.

Na Paraíba, percebemos que não há tanta divergência do contexto atual do país; assim é importante percebermos que este trabalho tem a finalidade de apresentar a influência do movimento estudantil na Paraíba durante o regime ditatorial. De acordo com LEITÃO (2013), é possível perceber que, com toda reviravolta acontecendo no país na década de 1960, em nosso estado ocorreu a ruptura dos CEs (Centros Estudantis) que integravam a AESP<sup>7</sup> (Associação de Estudantes Secundaristas da Paraíba). Essa cisão teve como finalidade a proposta da criação de uma nova representação estudantil. Os líderes dos seis centros que romperam com a AESP, percorreram o estado a procura de formar grupos e movimentos que defendessem os interesses dos estudantes de forma direta, correta e íntegra, uma vez que a AESP era estruturalmente omissa e afastada das discussões e debates de interesse da classe estudantil. Ao todo foram seis os centros que romperam com a Associação: Campina Grande, Catolé do Rocha, Pombal, Alagoa Nova, Taperoá e Areia. Estes foram movimentos que se rebelaram contra o regime e que estimulava a juventude paraibana a marcar a história do nosso estado em 1968, onde a AESP criticava a organização desses centros em oposição ao acordo MEC- USAID, estes movimentos estimulavam os estudantes a levantarem a bandeira da democracia e luta pelos seus direitos de estudantes. O movimento foi de suma importância para a estruturação da democracia em nosso estado, como no país, movimento com estas reivindicações foram primordiais. Mais tarde com as crescentes dificuldades para a educação e o descaso com a mesma, a resistência ao regime e defesa dos direitos, os estudantes começaram a atuar com mais força e o movimento ganhou mais uma bandeira, mais forte, os chamados excedentes universitários. Estes foram produzidos pelo sistema educacional corrompido e elitista; graças a falta de investimentos na educação as vagas de acesso ao ensino superior, logicamente diminuíram e isto causou a emergência destes. No estado da Paraíba, os excedentes do curso de medicina e direito engrossaram as reivindicações, pedindo que providências fossem tomadas a respeito das vagas de todos que foram aprovados. Logo, insatisfeitos com o não atendimento por parte do reitor, reuniram-se em frete a residência do reitor, em Tambaú, com a intenção de permanecerem ali até que a situação fosse solucionada.

---

<sup>7</sup>Instituição com finalidade de defesa e luta pela classe estudantil, a qual deveria ter envolvimento direto com a causa de interesse dos estudantes.

De acordo com LEITÃO (2013) os estudantes transferiram o local de acampamento para a reitoria da UF, nas proximidades onde hoje se localiza o Parque Solon de Lucena. A sociedade tendo visto a luta justa dos estudantes se compadeceu e o local de acampamento acabou servindo de palco para visita de personalidades que prestavam apoio ao movimento, dentre estas houve o pronunciamento do DCE em favor dos estudantes, os Diretórios Acadêmicos e a União dos Estudantes Excedentes da Paraíba prestaram apoio. O governador na ocasião João Agripino foi pessoalmente prestar apoio ao movimento dos estudantes excedentes e elogiar pela pacificidade dos movimentos e dando legitimidade aos atos, fator que consolidou e deu força ao movimento

Trazendo o fato para nossa atualidade muito se assemelha como os fatos decorrentes dos últimos anos no nosso cenário político. Especificando o mais recente, temos a ameaça de cortes em nossa educação, fator que prejudicaria não apenas um ou dois, mas, uma nação inteira e assim como em 1968 os estudantes, professores e cidadãos de bom senso foram as ruas combatendo o mal que bate à porta da nossa educação, como outros acontecimentos que não divergem muito do período no qual trago neste trabalho.

#### **4. João Roberto Borges de Souza**



FOTO: João Roberto Borges de Souza, estudante, militante, morto durante o regime militar na Paraíba

Com base no relatório final da Comissão Estadual da Verdade é possível saber que João Roberto Borges de Souza, nasceu aos 14 de outubro de 1946 em João Pessoa, filho de

Eulina Borges de Souza e Francisco Xavier Borges de Souza. Paraibano da gema, residente na cidade de Cabedelo-PB, cidade onde viveu sua infância com a família. João Roberto, ao iniciar sua vida na educação no grupo Pedro Américo na cidade de Cabedelo foi elogiado pela professora, pois era portador de uma conduta exemplar. Os primeiros relatos de que João Roberto ter envolvimento com os movimentos estudantis foi em 1967 quando foi participar de um congresso da UNE, representando a delegação paraibana; o congresso aconteceu em Valinhos-SP, na ilegalidade devido a lei Suplicy de Lacerda que reprimiu a legalidade e organização dos estudantes através da União Nacional dos Estudantes. Mais tarde, no mês de outubro do corrente ano, participou do congresso de reestruturação da União Estadual dos Estudantes representado o Diretório Acadêmico de Medicina (curso do qual era estudante) que aconteceu em Campina Grande. Para este congresso estava escalado o presidente do DA (Diretório Acadêmico) de medicina, Ricardo Rosado Maia, que preferiu ceder sua vaga de participação para seu colega de república João Roberto, onde ele foi eleito vice-presidente da entidade estadual dos estudantes universitários paraibanos. Hércio Lima de Oliveira, estudante do curso de Engenharia da Universidade Federal da Paraíba, foi eleito presidente da UEEP (União Estadual dos Estudantes da Paraíba), e a estudante de Medicina da UFPB, Maria Lívia Coelho, eleita secretária geral da entidade estadual. A partir daí começaram os enfrentamentos contra a repressão e o autoritarismo do regime tendo que por muitas vezes enfrentar autoridades como o diretor da faculdade de Medicina, o Professor Atílio Luiz Rocha; João defendia a ideia da construção de um hospital nas imediações da faculdade para servir para os próprios alunos, enfrentando o diretor fez campanhas para acelerar a construção e sua participação na edificação do Hospital Universitário da UFPB é claramente notada devido seu empenho e dedicação.

A primeira prisão de João, ocorreu na ocasião de realização do 30º Congresso da UNE, realizado em Ibiúna-SP; João e seus 26 companheiros foram presos, João foi levado a prisão de Tiradentes, sendo posto junto maioria dos presos fichados pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) de São Paulo, onde em seguida foi aberto um inquérito. Partindo disso, em resposta a esta ação, emergiram várias greves e manifestações em protesto às pressões dos delegados da UNE, na capital do estado e em todo país. Com as crescentes e manifestações e rebeliões dos estudantes mostrando sua insatisfação com as ações tomadas pelo governo, este se viu pressionado com a tensão criada em todo país devido as prisões dos delegados da UNE, o governo resolver liberar os presos. Após este acontecimento João voltou a Paraíba no dia 29 de outubro de 1968 e no dia 13 de dezembro

foi novamente preso; o regime ficou ainda mais repressor devido as numerosas manifestações. Desta vez ele foi preso junto com o presidente do DCE, Everardo Queiroz; desta vez o motivo da prisão foi pelo fato de estarem fazendo protesto contra o autoritarismo e repressão causada pelo governo sobre os movimentos estudantis que lutavam e gritavam por democracia. O movimento acontecia no Restaurante Universitário, no Parque Solon de Lucena, em João Pessoa. Nesta segunda prisão, João foi liberado pouco antes do natal e procurou refúgio na casa da noiva Maria do Socorro Fragoso<sup>8</sup> (também líder de movimento estudantil). Não retornando para casa dos pais, foi morar um tempo com a tia, no bairro da Torre em João Pessoa. Mais um contratempo envolvendo o militante do movimento popular estudantil foi o questionamento na maneira adotada pela reitoria, onde 70% deles seriam reprovados, onde vários vestibulandos o procuraram para relatar este fato, logo, João formou uma equipe e foi tentar entrar em acordo com o reitor Guilardo Martins, não obtendo sucesso, a ideia de tentar negociar novamente havia ficado para outro dia. Após este acontecimento, João descobre através de seu pai que a polícia federal está a procura dele por conta do desaparecimento de um mimeografo e máquina de escrever que pertenciam ao DA de medicina. Ao se passarem dias e João sabendo de sua inocência mesmo tentando prova-la comparecendo na sede da polícia para defender-se dizendo que não havia cometido o furto, percebeu de que nada havia adiantado. Resolveu fugir com sua noiva para Recife onde foi recebido pelo cunhado, Frei Aloísio fragoso, irmão de Socorro Fragoso.

Encontraram-se com amigos e assumiram o papel de distribuir panfletos falando da situação atual na qual a sociedade estava, a fim de conscientizar os trabalhadores e cidadãos sobre o Ato Institucional nº 5, de 1968, que restringia e limitava ainda mais a liberdade política do país, quando, inesperadamente foram surpreendidos e presos<sup>9</sup>. Eram um total de quatro: João Roberto, Socorro Fragoso, Maria Livia e Rosa Maria de Araújo Melo. Os presos foram levados e apresentados a Polícia Federal e depois para o DOPS de Pernambuco. As mulheres conseguiram convencer a polícia de que estavam apenas fazendo programa com o operário, levando em consideração isto, foram liberadas na manhã seguinte, enquanto João

---

<sup>8</sup>Noiva de João Roberto Borges. Natural da Paraíba, mais precisamente da região portuária de Cabedelo. Iniciou sua luta dentro do movimento estudantil neste estado participando de organizações revolucionárias, onde consequentemente, chegou a presidência do diretório Acadêmico da Escola de Serviço Social, na cidade de João Pessoa; posteriormente sofreu perseguição e repressão por sua militância em defesa à classe; teve sua matrícula suspensa, fator que a impediu de continuar seus estudos (Decreto nº 477/1969, que proibia as lideranças de continuarem seus estudos acadêmicos durante alguns anos. Foi perseguida e presa por duas vezes, na última vez só conseguiu ser liberta devido a documentação falsa a e a afirmação de ser garota de programa. Quando descoberta, Maria do Socorro foi condenada pela justiça militar de Pernambuco por revelia, passando a viver na clandestinidade por 10 anos.

<sup>9</sup>Informações retiradas do relatório Final da Comissão Estadual da Verdade da Paraíba (2017)

Roberto permaneceu preso até descobrir que ele já havia sido preso anteriormente por estar envolvido no congresso da UNE que era mantido como ato ilegal e que era responsável por incitar as manifestações. Permanecendo preso, João Roberto foi torturado pelo delegado Moacir Sales de Araújo e após ser obrigado a escrever uma autobiografia de sua experiência enquanto líder de movimento estudantil foi solto no dia 15 de abril de 1969. Após esta terceira prisão, a irmã de João Roberto afirma que ele não foi mais o mesmo, que vivia com medo de ser torturado e preso novamente, deixou o trabalho entregando as chaves ao diretor da faculdade de medicina, Atílio Rocha, e foi viver isolado em um sítio de um amigo, recebeu a intimação da 7ª região militar do processo contra militantes e viajou para Recife.

João Roberto Borges de Souza desapareceu em João pessoa, em 10 de outubro de 1969. A polícia alega que foi afogamento, porém, os indícios de que houve tortura até morte são claros, é possível comparar o caso com o de Manoel Raimundo Soares, história diferentes, porém semelhantes. Manoel, “sargento expulso do Exército Nacional como golpe militar. Desde então Manoel passou viver clandestinamente, sendo preso e assassinado em Porto alegre no ano de 1966: “foi assassinado pelos membros de repressão política: seu corpo foi encontrado boiando com as mãos amarradas no rio Jacuí” (ROSA, 2012, p.73)

Semelhante a Manoel Raimundo, o *homo sacer* que é apresentado por ROSA (2012), João Roberto também foi encontrado morto no açude Olho d'Água em Catolé do Rocha, com sinais de tortura. O argumento para livrar a polícia da culpa da morte do militante é que ele morreu afogado, sendo que, segundo seu amigo Eric Jenner Rosa, João Roberto sabia nadar muito bem, pois sua infância foi vivida em uma região portuária, precisamente em Cabedelo-PB.

## 5. Considerações finais

Para concluir vimos no início deste trabalho a reflexão sobre a memória; memórias da ditadura. Com sabemos, a memória é um campo da história na qual ela se torna objeto de história e não história em si, portanto, é salutar trazer a reflexão de que a memória é componente da construção da sociedade, do povo, de costumes e assim formando a sociedade. Tentar reprimir a memória seria como tentar conter a explosão de uma bomba, uma vez que esta já esteja prestes eclodir. Fala-se em reprimir a memória e a negatividade de tal intenção devido a ferida que se causa na história, percebemos que durante a história, as memórias, por

mais que elas desapareçam com o passar das gerações e do tempo ela será transformada em documento, memórias escritas, e o interessante é notar que estas memórias não são apenas de um indivíduo e sim do coletivo. Atualmente vivemos tempos difíceis onde as atitudes, pensamentos e desejos ditadores retornem, voltem do passado para nossa atualidade e, isso é fruto de uma negação da memória, por isso este artigo mostra a memória de um tempo obscuro de nossa sociedade, para recordar que este tempo não foi fácil; houve morte, luta, sangue, dor de muitos e muitas; isto não é apenas uma memória e sim várias memórias, portanto é necessário pensar politicamente o que foi nosso passado, a partir da década de 1960.

Em seu artigo, *História e Memória: desafios de uma relação teórica*, Santos (2007), faz um contraponto frisando memória, história, e a necessidade de um olhar político e social para o passado. Segundo o autor,

[...] retomar as relações entre história e memória no contexto de uma historiografia atual é também, como se viu, a oportunidade de pensar memórias e histórias nas suas dimensões políticas e afetivas. Memórias individuais e coletivas são em grande medida espaços de homens e grupos se encontrarem e se portarem como sujeitos da história. Suas ações definindo o lugar que ocupam no mundo no qual estão e que, a todo o momento, lhes cria demandas políticas (SANTOS, 2007, p.94-95)

Levando em consideração a memória da nossa história, trago também neste trabalho a força, avidez e coragem dos movimentos estudantis, especificamente no estado da Paraíba, representado pela figura de João Roberto Borges de Sousa. Os movimentos estudantis são responsáveis pela formação política de muitos; sua atuação é de extrema importância para toda sociedade, muito embora, para o governo, esta não seja a melhor maneira de crescer como nação, uma vez que o regime ditatorial não quer pessoas informadas que possam refletir e se opor ao que é imposto. E o movimento estudantil vem justamente se opor aquilo que o governo impõe sobre a sociedade, lutando pelos direitos e pedindo a democracia.

## 6. Referências

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **“O preço de uma reconciliação extorquida”**. In: TELES Edson; SAFATLE, Vladimir. O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas - SP: Unicamp, 1990. (coleção repertórios)
- LEITÃO, Rui César. **1968: O Grito de uma Geração**. Campina Grande: EDUEPB, 2013

RODRIGUES, José Honório. **Filosofia e História**. Editora Nova Fronteira, 1981. Pág 48.

ROSA, Susel Oliveira da. **“Depois de um ano eu não vindo, ponha a roupa de domingo”**.

In: a Biopolítica e a vida “que se pode Deixar Morrer”. Paco Editorial, 1ª Ed, 2012

SANTOS, M. P. dos. **História e memória: desafios de uma relação teórica**. OPSIS- Curso de História. Dossiê Teoria da História. Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão - GO, v. 7, n. 9, jul-dez. 2007. p. 94 – 95

#### Documentos e sites consultados

Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba.

Relatório final / Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do

Estado da Paraíba; Paulo Giovani Antonino Nunes, [et al.] – João Pessoa: A União, 2017. Pag 239 - 284

<http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/memoria-da-ditadura>

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/5710/4287>

UolEducação: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/movimento-estudantil-o-foco-da-resistencia-ao-regime-militar-no-brasil.htm>

UNE: <http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>

<https://une.org.br/a-une/> consultado em 16/06/2019

<http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/joao-roberto-borges-de-souza/>

consultado em 18/05/2019

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir chegar até aqui, conhecer o que conheço e quem conheço; por todas conquistas, por todas dificuldades superadas, por sempre me proteger e cuidar.

Aos meus pais, meus super-heróis, que sempre deram o melhor de si para me educar da melhor maneira e quiseram que fosse avante na vida; a meu pai por sempre acreditar em mim e investir conforme suas condições; a minha mãe por ter perdido a paciência comigo várias vezes enquanto me alfabetizava em casa, mesmo não tendo a melhor formação. Aos meus irmãos, a quem tenho muito amor e me ajudaram indiretamente durante esta minha jornada; em especial ao meu irmão caçula, quem tem me ensinado continuamente o valor de viver e lutar e por ele em especial tenho lutado para ser melhor.

Agradeço também a UEPB, Campus de Guarabira; onde puder conhecer novas pessoas, ampliar o círculo de amigos, puder me redescobrir enquanto cidadão, enquanto ser pensante e construtor da história, através da contribuição de cada um dos professores que tive contato direto ao longo desses 5 anos de história e vivência. Em especial agradeço a minha orientadora, a professora Susel, por sua compreensão, apoio, motivação e preocupação; agradeço por ter mostrado que um professor é bem mais que um mestre, é um mestre com seu aluno; agradeço a professora Edna Nóbrega por sua forma doce e incentivadora e ao professor Waldeci Ferreira, grande motivador com seus textos e aulas reflexivas na qual aprendi a ver a humanidade de forma diferente. Dedico meus agradecimentos também a professora e amiga de profissão Janaína Araújo, excelente profissional, e durante os estágios pude aprender muito com sua maneira espontânea e didática de conduzir a aula, percebendo que o aluno é bem mais que um receptor de informações/conteúdos, também a professora Maria Jane por mostrar com sua experiência que a jornada não é fácil e, isso me incentivou a buscar a gratificação e realização pessoal com a superação de cada uma delas.

Agradeço profundamente a meus professores da academia, que contribuíram para construção de conhecimentos, inclusive este trabalho. Meu agradecimento em especial a professora Regina Paula, por ser um exemplo de profissional comprometida e dedicada com o melhor de si para com seus alunos, mostrando que o professor se assemelha à uma vela acesa que, mesmo consumindo-se ilumina tudo a sua volta.

Agradeço imensamente ao meu companheiro, Mateus Miranda por sua atenção, motivação e força durante todo tempo e circunstancias. À minha amiga da vida e de turma, Manuele Ferreira que sempre esteve me apoiando e incentivando para que eu me esforçasse sempre mais e sempre acreditou em mim, me motivando a também acreditar nas minhas

capacidades. À minha turma de loucos historiadores que sempre me ensinou a compreender e admirar a beleza interior de cada um de maneira especial e, a todos que contribuíram para que este dia chegasse; perdão não os lembrar de alguma forma mais precisa, a vocês minha gratidão.

A todos, meus colegas historiadores, meus sinceros agradecimentos!